



EDITORIAL

Os editores

É com muita satisfação que publicamos, no presente número, o dossiê “O Oriente entre lentes e negativos: o universo fotográfico asiático”, organizado por Rogério Akiti Dezem, Lucas Camara Gibson e Richard Shimada André. Longamente antecipado, aguardado e trabalhado com muito carinho tanto pelos autores quanto pela equipe editorial da *Prajna*, a coletânea reúne artigos, ensaios e entrevistas em torno da fotografia asiática, embora a maior parte dos materiais se concentre sobre o mundo nipônico. A proposta contribui de forma importante para com o campo de investigação em torno do assunto que, embora crescente em cenário internacional, encontra-se ainda nos primeiros passos no Brasil. Portanto, espera-se que esta edição demarque objetos, fontes e referências fundamentais para voos futuros.

Nesse afã, tendo em vista a sequência de textos que compõe este número, a entrevista de Dezem, Gibson e André, os organizadores do dossiê, busca realizar um mapeamento preliminar a respeito da fotografia japonesa. Os autores discorrem sobre o que os levou a investigar o objeto, o “estado da arte” da produção acadêmica dentro e fora do Brasil, sugestões em torno de fontes primárias, a relação entre os japoneses e a fotografia, os acervos de pesquisa, o crescente entusiasmo em torno do assunto nos últimos anos, entre outras questões.

Circunscrevendo a discussão, R. A. Dezem analisa a chamada Escola de Yokohama no contexto histórico de emergência da fotografia no Japão. Para o pesquisador, o movimento teria sido concebido na confluência entre o olhar estrangeiro – considerando a presença de fotógrafos e estúdios vindos de outros países desde antes da Restauração Meiji propriamente dita – e a constituição de uma perspectiva japonesa. O autor enfatiza elementos específicos da cultura fotográfica que se acomodou no Japão, como o



diálogo entre fotografia e *ukiyo-e*, cujas imagens resultantes auxiliaram a compor o mercado turístico de *souvenir*.

Saltando para as últimas décadas do século XX, L. C. Gibson analisa o fotolivro intitulado *Hiroshima collection*, publicado pelo fotógrafo nipônico Hiromi Tsuchida. Na obra, este fotografou os objetos de pessoas que passaram pela experiência atômica de Hiroshima – que, aliás, é um tópico recorrente na fotografia nipônica – e que haviam sido doados ao Museu do Memorial da Paz. Segundo Gibson, a fotografia em torno desses itens teria levado a uma “modificação” na representação de Hiroshima, dialogando com a questão da memória e das ausências.

R. S. André, por sua vez, aborda um dos fotógrafos que fundou os alicerces do Realismo Fotográfico: Ihee Kimura. O pesquisador analisa o fotolivro *Akita*, publicado postumamente em 1978, e que constrói uma representação fotoetnográfica em torno da região, situada no noroeste do Japão. De acordo com André, ressaltando aspectos como trabalho e vida religiosa, Kimura dialoga com um ideário existente na sociedade japonesa chamado “agrarianismo”, voltado para a idealização da vida no interior do país.

Em tradução de texto originalmente publicado no livro *Genshashinron*, Ryuta Imakufu aborda a fotografia produzida por Koji Taki. Para o estudioso, Taki teria desenvolvido uma relação entre fotografia e arquitetura, embora transcendendo uma perspectiva apenas documental e buscando dimensões mais complexas. A arquitetura manifestaria um espaço de pensamento, sugerindo questões como temporalidade e decadência.

Kelly Midori McCormick, também em texto traduzido para o português e originalmente publicado no periódico *Japan forum*, analisa a produção da fotógrafa Tokiwa Toyoko. Esta foi possivelmente a primeira mulher no Japão do pós-guerra a envolver-se diretamente com o campo fotográfico, até então – e talvez até hoje – fortemente marcado pela presença masculina. McCormick chama a atenção para o fato de que Tokiwa problematizou



certas questões inerentes à prática fotográfica corrente, passando a fotografar não as modelos nuas que tão comumente apareciam nas revistas fotográficas, mas os fotógrafos masculinos registrando as modelos.

Outro texto traduzido para o português é a contribuição de Jörg Colberg, que analisa o fotolivro intitulado *Chizu (O mapa)*, de Kikuji Kawada. O fotógrafo abordou tema que se tornou recorrente na história da fotografia nipônica, a questão nuclear, como sugerido pelo próprio Gibson no artigo sobre Tsuchida. Kawada, de certa forma, dialoga com fotógrafos como Ken Domon, mas rompendo com a abordagem realista ao registrar manchas nas paredes e tetos de lugares em Hiroshima. Ainda assim, em linguagem imagética que pareceria sem referencial, Colbert ressalta como Kawada dialoga com a conjuntura histórica que permitiu a emergência de sua fotografia.

Contemporâneo a Kawada e inserido no coletivo de curta duração Vivo, o fotógrafo Eikō Hosoe – falecido recentemente – foi objeto de investigação de Daniel Aleixo e Thiago Abel. Hosoe foi responsável pela criação de um fotolivro intitulado *Kamaitachi*, em que realizou parceria com o dançarino e coreógrafo Tatsumi Hijikata, que representou o Kamaitachi, entidade pregadora de peças da cultura popular japonesa, tendo como palco o cenário aberto de Akita – que também foi o ambiente fotografado por Kimura, como analisado por André. Para Aleixo e Abel, Hosoe e Hijikata problematizam a linguagem em suas respectivas formas de arte, fotografia e dança, tendo como pilar a questão do corpo.

No espírito de relação entre diferentes formas de arte, Helena Ariano aborda a fotografia produzida por Kishin Shinoyama – assim como Hosoe, falecido recentemente – em torno do escritor Yukio Mishima. Este foi um literato bastante prolífico e também polêmico no Japão, tendo cometido *harakiri* nos anos 1970 logo após invadir o quartel das forças de autodefesa do Japão. Pelas lentes de Shinoyama, Mishima foi fotografado a partir da representação de São Sebastião, articulando elementos como morte e erotismo.



A morte também é temática que aparece na obra de outro fotógrafo japonês, Daidō Moriyama, aqui abordado no artigo de Nicolle Zaira Fraga. Sendo possivelmente um dos fotógrafos mais célebres fora do Japão, Moriyama, geralmente associado à revista *Provoke*, produziu uma série intitulada *Accident*, em que fotografou cartazes de acidentes de trânsito e dispostos nas ruas da cidade, problematizando noções como autoria, tão caras ao universo fotográfico até então. Fraga analisa a relação entre a estética de Moriyama e Andy Warhol, relacionando-a à conjuntura histórica do período, marcada pela difusão da cultura pop e da estética urbana, bem como pelas transformações sociais.

A fotógrafa Miyako Ishiuchi foi analisada – talvez em sentido mais amplo do que geralmente concebemos, considerando que o artigo parte de uma perspectiva psicanalítica – por Julia Akemi Takayama Ferry. Ishiuchi produziu uma série intitulada *Mother's*, em que fotografou a presença e a ausência da própria mãe – em vida e em morte –, seja por meio de cicatrizes, seja por intermédio de objetos por ela deixados. Ferry realiza uma abordagem pouco comum e bastante convidativa, ao tomar como ponto de partida as fotografias de Ishiuchi para refletir sobre suas próprias experiências como sujeito e autora.

Marcelo de Jesus Amaral Spindola parte de uma abordagem diferente sobre a fotografia japonesa, embora igualmente importante do ponto de vista investigativo: ao invés de focar o olhar de um fotógrafo, ele seleciona um objeto – isto é, a representação de Hirohito, o Imperador Shōwa – e analisa como foi reconstruído por diferentes fotógrafos e imagens. O autor circunscreve uma conjuntura crucial para compreender a proposta, iniciando em 1936 – o ápice do nacionalismo japonês – e encerrando em 1955, quando o Japão já havia sido derrotado na Segunda Guerra Mundial, ocupado pelos norte-americanos (até 1952) e o imperador havia sido ressignificado na figura de líder de Estado, e não mais um descendente dos deuses.



Por fim, mas não definitivamente menos importante, Kerolayne Correia de Oliveira aborda fotografias produzidas na Índia no século XIX. O artigo é especialmente impactante não apenas pela discussão realizada pela autora, como também por mudar o eixo do Japão para outras regiões da Ásia, o que constitui um convite para o desenvolvimento de pesquisas por parte de diferentes autores em torno do universo fotográfico asiático de forma mais ampla. De modo rigoroso em termos teóricos, metodológicos e historiográficos, Oliveira analisa as imagens produzidas por fotógrafos no contexto histórico de domínio britânico sobre a Índia, refletindo um olhar orientalista – como sugere Edward Said – que desempenha papel estratégico nesse cenário de relações de poder desiguais.

Como visto, o presente número da *Prajna* é uma edição bastante extensa, contando com diversos artigos, ensaios e entrevistas, refletindo também a consistência de uma discussão que, embora inicial, esperamos que ofereça base para futuros voos. Agradecemos a todos os autores que produziram textos para esta edição, bem como pela paciência para a tão aguardada publicação. Obrigado também àqueles que tão gentilmente permitiram a publicação dos textos traduzidos para o português, nomeadamente R. Imafuku, K. McCormick e Jörg Colberg. Gratidão também aos pareceristas e a toda equipe editorial da *Prajna*. Boa leitura a todos.